

UM ESTUDO SOBRE O AMOR EM PSICANÁLISE: EROS E PSIQUÊ E AS FORMAS EROTOMANÍACA DO AMOR NO FEMININO E FETICHISTA DO AMOR NO MASCULINO¹

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente*
Aline de Vasconcellos Ramos**

RESUMO:

O presente artigo foi constituído como um estudo teórico com o objetivo de estudar, à luz da Psicanálise, as formas erotomaníaca do amor no feminino e fetichista do amor no masculino, articuladas ao conto “Amor e Psiquê”, de Apuleio. Apresenta a paráfrase do conto que retrata o encontro amoroso, ao ilustrar a história dos personagens Eros e Psiquê. Em seguida, aborda os conceitos psicanalíticos sobre as posições do feminino e do masculino, caracterizando erotomania e fetichismo. E, finalmente, analisa as formas erotomaníaca do amor no feminino e fetichista do amor no masculino, intercalando com a história da captura amorosa de Eros e Psiquê.

Palavras-chave: Erotomania. Fetichismo. Psicanálise.

1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos, grandes pensadores se esforçam em desvendar o amor; as tentativas estão legitimadas, sobretudo, em contos mitológicos, que atestam o interesse de grandes pensadores no assunto. O conto “Amor e Psiquê”, de Apuleio, apresenta uma grande riqueza de elementos que ilustram o encontro amoroso. Em Psicanálise, temos as contribuições de Freud e de consagrados psicanalistas que nos apresentam um dizer sobre o amor.

Na busca pela produção de conhecimento sobre o tema, este artigo tem como objetivo estudar, à luz da teoria psicanalítica, as formas erotomaníaca do amor no feminino e fetichista do amor no masculino, intercaladas junto ao conto “Amor e Psiquê”,

¹ Artigo recebido em 9/8/2016 e aprovado, após modificações, em 29/06/2017.

* Mestre em Psicologia e docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.
@:rcacastelo@hotmail.com

** Graduada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora @:
alinasvasconcellosramos@hotmail.com

que retrata a história do encontro amoroso entre entidades mitológicas, representadas pelas figuras de Eros e Psiquê.

As teorias de renomados estudiosos da Psicanálise nos levam à compreensão das posições subjetivas do feminino e do masculino, esclarecendo que essas posições não estão relacionadas, necessariamente, com o referencial anatômico, ainda que haja certo direcionamento, em nosso estudo, ao relacionarmos feminino com mulher e masculino com homem. Porém, como posições subjetivas relacionadas ao tipo de objeto amoroso futuro, intimamente ligado às identificações edípicas e ao exercício pulsional. Neste artigo, seguimos o caminho mais especificamente do feminino, passando pelo desenvolvimento da mulher, em que esta tem de percorrer um tortuoso caminho na busca por sua identidade feminina e por seu tipo de objeto amoroso futuro, pautados na lógica do ser e do ter.

No encontro amoroso, temos de um lado o feminino, que se apresenta como objeto causa de desejo do outro, com sua demanda infinita de amor, e, do outro, o masculino, que se apresenta como sujeito desejante, o que caracteriza as formas erotomaníaca do amor no feminino e fetichista do amor no masculino. Tais formas denotam o modo como homens e mulheres se apresentam na relação amorosa, o que demonstra o lugar que um ocupa no desejo do outro.

Percebemos, assim, a possibilidade de associação entre as teorias psicanalíticas que postulam as formas erotomaníaca do amor no feminino e fetichista do amor no masculino, com a história do encontro amoroso dos personagens Eros e Psiquê, descrita no conto de Apuleio.

2 O ENCONTRO AMOROSO DE EROS E PSIQUÊ

O conto “Amor e Psiquê”, que nos é apresentado por Marie-Louise Von Franz, encontra-se na obra “O Asno de Ouro”, sendo resultado de uma série de cursos ministrados pela autora. O conto do filósofo e escritor Lucio Apuleio é uma das versões possíveis da história de Eros e Psiquê. Iremos lançar mão do conto por este descrever a história do encontro amoroso entre os personagens Eros e Psiquê.

O conto começa com Apuleio descrevendo um rei, uma rainha e suas três jovens filhas, sendo a mais nova, Psiquê, a mais formosa. Por todos serem atraídos por sua beleza, havia rumores de que a mesma era uma reencarnação da deusa Vênus, sendo elevada ao status de deusa. Entretanto, a jovem donzela vivia solitária, e tamanha

admiração não apenas a inviabilizava de encontrar um esposo, mas atraía sobre ela sentimentos obscuros, tais como a inveja e o ciúme das irmãs menos belas. A própria Vênus sentia-se ameaçada com tamanha notabilidade de Psiquê, sobretudo ao ver seus templos serem negligenciados e seu culto, desvalido (FRANZ, 2014).

Tomada pelo ciúme da beleza feminina de Psiquê, Vênus, por vingança, ordena que seu filho Eros faça a donzela se apaixonar pelo homem mais desprezível, um ser feio, pobre e indigno. Na obra “Amor e Psiquê”, Mourão (2001) identifica Eros como a metáfora do Cupido. O oráculo de Delfos então anuncia ao rei o destino traçado por Vênus para sua filha. Esta nunca poderá se casar, pois fora destinada a um dragão ou a uma figura monstruosa e deverá ser levada para o alto da montanha. Segundo Franz (2014, p. 126), “A jovem donzela é então exposta na montanha e deixada lá à espera de sua núpcia mortal”.

No entanto, Eros, ao defrontar-se com Psiquê, deslumbrou-se com tamanha beleza e, colocando-se no lugar do ser humano abjeto destinado por sua mãe, enamorou-se da jovem. Mourão (2001) afirma que Eros se apresenta para Psiquê na forma de uma voz incorpórea, sem revelar sua identidade e sua aparência, tomando-a em segredo e a fazendo jurar que jamais ousaria tentar descobrir o aspecto do amado.

Também maravilhada pelas palavras de amor de Eros, Psiquê cede sua condição e, ainda que sem conhecer as feições de seu esposo, que se mantém invisível e a visita somente à noite, vai viver feliz com ele em um castelo misterioso e afastado. Durante uma visita que faz à família, Psiquê desperta o ciúme das irmãs ao demonstrar tamanha felicidade em sua união com Eros, e por serem infelizes em seus casamentos, uma vez que eram casadas por dinheiro e poder. Tomadas pela inveja, persuadem Psiquê a matar Eros com uma faca, já que, para elas, o esposo da irmã só poderia ser uma serpente ou mesmo um dragão (FRANZ, 2014).

Conforme mencionado por Franz (2014), envenenada por suas irmãs, Psiquê decide descobrir quem é seu esposo, conhecer suas feições, ainda que proibida, a fim de descobrir se ele era um dragão. Então, instigada, arma-se de um candeeiro e de um punhal, pois, assim que confirmasse tal suspeita, poderia acabar com a vida de Eros. Psiquê acende o candeeiro e se dirige para o quarto onde o esposo dormia. Entretanto, para sua surpresa, ao aproximar o candeeiro de Eros, depara-se com um belo rapaz alado e, diante do espanto, deixa cair o punhal e, do candeeiro aceso, uma gota de óleo quente sobre a face do esposo.

Eros, ao despertar, diante do susto de ter sido revelado, sente-se traído por Psiquê, aplicando-lhe o mais doloroso dos castigos, algo digno dos deuses: deixa-a. Desse modo, Eros fica profundamente machucado e desaparece, fazendo com que Psiquê, invadida pelo remorso, adentrasse em uma penosa trajetória para encontrá-lo. A esse respeito, Franz (2014, p. 147) assinala: “Ter sido abandonada pelo deus do Amor foi a pior forma de punição que ele poderia impor a ela. Agora, inicia a longa, dolorosa e interminável jornada de Psiquê para reencontrar Eros”.

Eros retorna ao palácio celestial e depara-se com sua mãe, que, indignada, aprisiona-o. Vênus, agora tomada pelo ódio à Psiquê, insiste em encontrá-la. Enquanto isso, Psiquê, desconsolada, tenta suicidar-se, lançando-se no rio, mas o deus do curso das águas a direciona para a beirada. Eis que surge o deus pastor Pã, o grande deus da natureza, que, com suas sábias palavras, a convence a não dar fim à própria vida, mas orar para o mais sublime dos deuses, Eros, a fim de honrá-lo. Psiquê, aconselhada por Pã, vai ao encontro de Eros, dirigindo-se aos céus, onde, aprisionada e torturada pelas servas de Vênus, Tristeza e Inquietação, é levada para a deusa (FRANZ, 2014).

Sendo assim, Franz (2014) retrata diversos castigos à Psiquê, ordenados por Vênus, como colher e separar sementes que estavam espalhadas e misturadas, tendo apenas o tempo de uma noite e com a ajuda somente de seu intelecto. Depois disso, retirar a lã dourada dos carneiros solares, dos quais não era fácil se aproximar por serem selvagens e agressivos e, em seguida, apanhar água da cachoeira gelada do Rio Estige, que deve ser levada em um frasco talhado de cristal. Algo somente possível de conduzir por meio do casco de um cavalo sagrado ou do chifre do asno cita, um animal mítico unicorne. Desesperançada, Psiquê tenta novamente suicidar-se, atirando-se do alto de uma torre, quando esta começa por falar-lhe, pedindo que desça e lhe dando orientações para o cumprimento de tais tarefas.

O último castigo atribuído à Psiquê “[...] é sua descida aos infernos para obter de Prosérpina² uma caixa contendo a beleza divina, e trazê-la para Vênus” (FRANZ, p. 179, 2014). Eis que a jovem, curiosa por natureza, abre a caixa e imediatamente é tomada por um sono profundo o mortal (FRANZ, 2014).

Franz (2014) ressalta que, nesse momento, Eros, envolto pela saudade, surge para despertar Psiquê, uma vez que esta se encontrava no limite de suas possibilidades,

² Prosérpina (ou Perséfone) é uma das moças mais belas da Sicília que foi raptada para servir como esposa ao poderoso deus Hades, que reinava no Inferno sobre o Povo das Sombras (POUZADOUX, 2001).

fazendo com que Eros viesse do mundo dos Deuses para salvá-la. Eis o fim da história de Eros e Psiquê, que, com a intervenção de Zeus e a concessão de Vênus, casaram-se no Olimpo onde Psiquê dá à luz uma filha.

3 O FEMININO E O MASCULINO EM PSICANÁLISE

Na história tornada mítica, que retrata o encontro amoroso de Eros e Psiquê, não é difícil observarmos a presença de percalços no caminho dos personagens que nortearam esse encontro do início ao fim do conto. No tocante às dificuldades do encontro amoroso, Castelo (2013) destaca que muitos são os obstáculos a serem enfrentados para que este seja possível, tendo em vista que os amantes estão de fato condenados a aprender definitivamente a língua do outro, tateando, buscando chaves, sempre revogáveis. O amor então se transforma em um labirinto de mal-entendidos, onde a saída não existe.

Freud (2006a), na conferência XXXIII, em que trata mais especificamente da Feminilidade, conclui o referido texto com uma reflexão acerca do seu dizer sobre as mulheres, ao declarar que certamente estaria incompleto, fragmentário e nem sempre agradável. Seria necessário percorrer o caminho da experiência de vida, da ciência e de consultar os grandes poetas, que nos fornecem informações mais profundas e mais coerentes. Sendo assim, recorreremos às palavras do poeta Carlos Drummond de Andrade para ilustrar essa condição do amor: “[...] Mas havendo amor, haverá paz? Amor é o contrario radioso dela. É inquietação, agitação, vontade de absorver o objeto amado, temor de perdê-lo. Amor é paz?”³ (2008, p. 21).

A psicanalista Malvine Zalcberg, em sua obra “Amor Paixão Feminina”, menciona Sócrates para descrever o amor, valendo-se da explicação do filósofo na obra “O Banquete”, de que a natureza de Eros (Amor) se encontra na união de Poros (recurso), com Penia (pobreza). Tem-se então que o amor se configura como o resultado da falta com a abundância e que quem o experimenta espera encontrar no amado “algo que ele próprio não possui, algo que ele próprio não é, algo do que ele está despojado” (2008, p. 6).

A esse respeito o psicanalista francês Jacques Alain Miller, em entrevista concedida a Hanna Waar, na *Psychologies Magazine*, assinala: “Amar, dizia Lacan, é dar o que não se tem” (2008), evidenciando como condição fundamental do amor, que o amante identifique sua falta e que a doe ao amado, não no sentido de dar seus bens

³ ANDRADE, Carlos Drummond. **Receita de ano novo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

materiais, mas de dar ao outro aquilo que não possui. Afirma ainda que confessar sua falta e doá-la ao outro é essencialmente feminino, ou seja, que só se ama na posição feminina e que amar feminiza.

Zalcborg (2008) assevera que Freud, ao longo de sua obra, empenhou-se em falar da importância do amor para uma mulher, afirmando que sua dimensão é muito mais feminina que masculina. No que concerne aos conceitos de feminino e de masculino em Psicanálise, descrever essas condições exige o esclarecimento de algumas perspectivas que correspondem a essas posições.

Sobre tais perspectivas, Freud (2006a), ainda na conferência XXXIII, anuncia que a condição feminina deve ser retratada não apenas no que se refere à distinção anatômica entre os sexos, ainda que esta seja a primeira a ser feita diante de um ser humano. Mas como uma condição que se diferencia da masculina por trazer em sua composição consequências subjetivas à formação do sujeito.

Logo, os termos “masculino” e “feminino” não dizem respeito a homem e mulher, respectivamente, isso seria concordar com o referencial anatômico. Miller (2008) corrobora com a afirmação de que: “Não é a anatomia que comanda: existem as mulheres que adotam uma posição masculina. E cada vez mais”.

O feminino, de acordo com Castelo (2013), é um lugar tomado por homens e mulheres, que, para a Psicanálise, nada tem a ver com o anatômico, mas com uma posição subjetiva que pode ser ocupada por homens e mulheres frente à vivência amorosa. Para compreendermos as concepções que buscam definir as posições do feminino e do masculino, é necessário percorrermos os pressupostos freudianos sobre o desenvolvimento da mulher e do homem por meio de duas vias: a das identificações edípicas e a do exercício pulsional.

Desse modo, Freud (2006a) situa que o desenvolvimento da mulher ocorre de forma mais complexa se comparado ao homem, pois a ela são atribuídas duas tarefas das quais o homem é isento. A libido, que é da ordem da pulsão, é a força motriz da vida sexual e não lhe é incumbido nenhum sexo, sendo qualificada como masculina, por meio da atividade masturbatória, com a finalidade passiva. Isto é, a procura pela satisfação pulsional que mobiliza a libido só pode ser da ordem da atividade. Na passagem pela fase inicial do desenvolvimento libidinal, tanto o menino, quanto a menina a atravessam da mesma forma, sendo a zona erógena do primeiro o pênis e do segundo o clitóris. Todavia, na fase fálica, é necessário que a menina transfira a sensibilidade e importância parcial ou total do clitóris para a vagina como a primeira tarefa que precisa enfrentar em seu

REVISTA PSIQUE, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 18-34, jan./jun. 2017

desenvolvimento para ascender à feminilidade. O que não é necessário ao menino que mantém sua atividade masturbatória.

Para Freud (2006a), na fase fálica, durante a formação do Complexo de Édipo, a mãe (entende-se por quem exerce essa função) é o primeiro objeto de amor e desejo da criança, que enxerga o pai como rival a ser “destruído” na disputa pelo amor da mãe. Para o menino, no desdobramento do Complexo de Édipo, a mãe permanece como objeto de amor, o que não acontece com a menina, que precisa, como segunda tarefa a se cumprir, transferir de objeto amoroso da mãe para o pai.

O que põe fim ao vínculo da menina com a mãe é o complexo de castração. A menina percebe a falta de pênis na mãe e a responsabiliza por sua falta de pênis também, quando se vê diante da diferença anatômica entre ela e o menino. Neste, o complexo de castração aparece em seguida a essa constatação, fazendo-o lembrar-se das ameaças feitas ao brincar com o órgão, passando a temer a castração que suspeita já ter acontecido às meninas (FREUD, 2006a).

Freud (2006a) elucida que a menina perceber que lhe falta o pênis não significa que irá aceitar tal fato com facilidade. Sente-se injustiçada e cai vítima da “inveja do pênis”. A descoberta de que é castrada torna-se de fundamental importância para o crescimento da menina, pois, a partir disso, abrem-se três linhas de desenvolvimento possíveis: a inibição sexual ou neurose, o complexo de masculinidade e, finalmente, a feminilidade.

No que se refere à primeira saída, com a descoberta de que é castrada, a menina renuncia sua satisfação masturbatória advinda do clitóris, reprimindo parte dos seus interesses sexuais (frigidez) e, ao constatar a castração na mãe, abandona-a como objeto de amor, transferindo para o pai e no futuro para outros homens. Na segunda saída, a menina se recusa a aceitar que é castrada e, na esperança de que o pênis dela irá crescer um dia, exagera na masculinidade, não eliminando sua atividade masturbatória clitoridiana, tomando a mãe ou o pai como objeto de amor. Nesse caso, pode haver influência do complexo de masculinidade no tipo de objeto de amor futuro, conseqüentemente homossexual, em decorrência de sua identificação com a mãe. Por fim, na terceira saída, a inveja do pênis tornou-se um forte impulso na menina contra a masturbação clitoridiana, juntamente com a inibição de parte da sua atividade. Incorporando a passividade, a menina abandona a mãe castrada como objeto de amor, voltando-se para o pai, na tentativa de obter dele o que não obteve da mãe, o desejo de

possuir um pênis. No futuro, supõe-se que a menina transfira do objeto de amor paterno para outros homens como seu tipo de objeto definitivo (FREUD, 2006a).

De acordo com Freud (2006a), a condição feminina só se instaura se o desejo de conseguir um pênis for substituído pelo desejo de ter um bebê. Com a transferência de objeto de amor da mãe para o pai e o desejo de obter deste um bebê, a menina inicia sua situação no Complexo de Édipo. A hostilidade dela com a mãe se fortalece, uma vez que a suposta rival recebe do pai tudo aquilo que deseja.

No menino, a ameaça da castração o impede de manter a mãe como objeto de amor e o pai como rival, pois, com a suspeita do perigo iminente de perder o pênis, o Complexo de Édipo é reprimido, na maioria dos casos, destruído, e um forte superego, isto é, uma forte censura, instaura-se como herdeiro. Na menina, acontece o oposto: o complexo de castração a prepara para o Complexo de Édipo e, ao invés de destruí-lo, mantém-se nele por tempo indeterminado, destruindo-o tardiamente ou de forma incompleta, podendo haver prejuízo na formação do superego (FREUD, 2006a).

Até o momento apontamos os principais eixos do drama edípico na definição das posições masculina e feminina. Para Poli (2007), é necessário acrescentar a atuação do exercício pulsional a essa abordagem psicanalítica. Como vimos anteriormente, na sexualidade infantil a disposição masculina é predominante “[...] tanto na libido, pela sua tendência à atividade, quanto ao desconhecimento da diferença entre os sexos pelo inconsciente, dominado pela primazia do falo⁴ [...]” (p. 31).

Como se pôde notar, o desenvolvimento do complexo de Édipo implica diferentes destinos para a libido, e o motor desse processo é a já mencionada angústia de castração. Sendo assim, Poli (2007, p. 35) escreve: “Diante da possibilidade de ser desprovido do falo, que seu pênis representa, o menino abandona (recalca, sublima e inibe) as pulsões passivas – que qualificam a posição passiva – que o mantém preso ou bem à mãe ou bem ao pai”. Indicando, ainda, que a menina, no entanto, já foi privada do falo. “É por frustração que ela será levada a abandonar a mãe e com ela as pulsões ativas. A passividade pulsional será transmitida à relação com o pai. Mais uma vez frustrada, por dele também não receber o dom almejado, recalca o Édipo para não perder o amor dos pais” (p. 35). A mulher ascende à feminilidade quando direciona o pedido que

⁴ Diversas palavras são empregadas para designar o órgão masculino. Se a palavra pênis fica reservada ao membro real, a palavra falo, derivada do latim, designa esse órgão mais no sentido simbólico (ROUDINESCO; PLON, 1998).

fez ao pai a outro homem, de quem espera receber um “pênis-bebê”. Diante disso, esta retorna, de forma ativa, à posição passiva que a conduziu à relação com o pai.

A posição feminina corresponderia, assim, à condição passiva, que é inerente a sua sexualidade, o que traduz a posição feminina pela tendência à passividade pulsional. No que se refere à sexualidade da posição masculina, “[...] o horror à passividade é uma das suas características. Na passagem pelo Édipo, à posição passiva pode se confundir com a castração, levando o menino a repudiá-la.” (POLI, 2007, p. 36). Isso traduz a posição masculina como condição ativa, pela tendência a atividade pulsional.

4 AS FORMAS DO AMOR: A EROTOMANIA E O FETICHISMO

“Enquanto que ela ama, que ela for amada e necessária ao amado, ela se sente totalmente justificada.”
Simone de Beauvoir

Para Zalcberg (2008), o amor teve importância na vida da menina antes da formação pré-edípica, na fase de constituição pré-subjetiva sob a forma do desamparo em que toda criança se encontra no início da vida. “[...] essa condição é o verdadeiro drama do ser humano: nascer num estado de completa dependência do outro para suprir as suas mais básicas necessidades [...]” (p. 33).

Zalcberg (2008) destaca ainda que os homens respondem por uma falta, esta derivada do desamparo; por conseguinte, as mulheres lidam com duas, uma consequente do desamparo e outra da ausência do falo, justificando a diferença de estrutura, dos sintomas e das soluções para resolvê-los entre os sexos. Isso faz com que homens e mulheres adentrem na relação amorosa de forma distinta, isto é, enquanto o homem na posição masculina insere a mulher em seu sintoma tomando-a como objeto fetiche em sua fantasia, a mulher na posição feminina toma o homem em sua fantasia como objeto erotomaníaco. “Trata-se da forma fetichista de amor do homem e da forma erotomaníaca de amor da mulher” (ZALCBERG, 2008, p. 34).

Ana Paula Corrêa Sartori (2009), em sua tese de doutorado intitulada “Erotomania: Amor e Sexuação”, corrobora com o enunciado de Zalcberg, ao descrever o sintoma como a forma como o sujeito, homem ou mulher, se apresenta ao parceiro. É o que Jacques-Alain Miller (2015) em sua obra “O Osso de Uma Análise” explica: “[...] o [REVISTA PSIQUE, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 18-34, jan./jun. 2017](#)

parceiro-sintoma do homem tem a forma de fetiche, enquanto que o parceiro-sintoma da mulher tem a forma erotomaníaca [...]” (p. 109).

Sobre o conceito de erotomania, Sartori (2009) aponta que, anterior aos pressupostos de Freud e Lacan, os psiquiatras já haviam retratado alguns dos seus pontos básicos. “Erotomania não é, certamente, o único termo usado na psicanálise, que veio da psiquiatria. Mas, mesmo tendo esta origem, ele não terá o mesmo lugar, nem o mesmo uso na psiquiatria e na psicanálise” (p. 22). Na escola clínica de psiquiatria francesa, a erotomania era entendida como “[...] uma forma de melancolia, uma mania de amor” (p. 162).

Zalcborg (2008) ressalta que, na relação amorosa, a mulher na posição feminina se apresenta como a que não tem, doando sua falta fálica ao homem; este, por sua vez, deve revelar sua falta, advinda do desamparo, pois a ele também algo falta, para que então a mulher o complemente. “É na falta vivenciada pelo homem e para a qual a mulher se apresenta como suplência que ela encontra um lugar e uma consistência para o seu ser” (p.73).

Zalcborg (2008) evidencia que, no acordo intersubjetivo que os sexos estabelecem, a mulher coloca o homem na posição de desejante para que ela ocupe a de desejada. No que diz respeito a esse acordo, na relação amorosa o que a mulher espera é ser amada. “O encontro com o desejo de um homem faz dela uma mulher amada”. Contudo, para que esse encontro seja possível, é necessário que a mulher “ative” sua feminilidade. “Ser amada parece uma posição passiva, mas se fazer amada revela a atividade subjacente a essa posição. Há todo um empenho feminino em se fazer amar” (p. 74).

Ser causa do desejo de um homem faz da mulher no feminino uma mulher amada, visto que esta ama genuinamente o amor do homem dedicado a ela. Com a finalidade de despertar o desejo de um homem para encobrir essa falta, a mulher se transforma de várias formas, exercitando sua feminilidade (ZALCBORG, 2008).

Zalcborg (2008) define que a problemática do amor feminino advém da sua necessidade infinita de ser amada e essa demanda absoluta de amor é o que caracteriza a forma de amar erotomaníaca da mulher no feminino “[...] amar loucamente um homem por quem deseja ser amada” (p. 145). Afirma, ainda, que a angústia desta é estar diante da ameaça de perder o amor. “[...] o amor de um homem – ou a falta dele – pode tornar-se uma devastação para uma mulher [...]” (p. 145).

Desse modo, Zalberg (2008, p. 75) aponta que “Ao homem cabe desejar, à mulher cabe ser desejada”, o que assegura a forma fetichista de amar do homem no masculino e a forma erotomaníaca de amar da mulher no feminino.

No artigo “As formas do amor na partilha dos sexos”, Quinet (2001) retoma os conceitos que diferenciam a forma de amar dos homens e das mulheres, afirmando que, como vimos anteriormente, enquanto esta última se dirige ao parceiro pela demanda ilimitada de amor, o que caracteriza a forma erotomaníaca do feminino, o homem se dirige à mulher a partir da escolha de um objeto fetiche, eleito na própria, que caracteriza a forma do amor fetichista no masculino.

Sobre o conceito de fetichismo, Elizabeth Roudinesco e Michel Plon, na obra “Dicionário de Psicanálise”, comentam: “Expulso da antropologia, o termo, já retomado pela sexologia e psiquiatria, é literalmente investido pela Psicanálise” (1998, p. 236).

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (2006b) denomina de fetichismo a substituição do alvo sexual normal (pênis e vagina) por um objeto que tenha relação com o parceiro, mas que é impróprio para servir de alvo sexual. Esse objeto é uma parte do corpo da pessoa substituída, por exemplo, pés e cabelos, não convenientes para fins sexuais, ou um objeto inanimado, como vestimentas e peças íntimas. No fetichismo há uma supervalorização sexual desses objetos em detrimento do alvo sexual normal.

Sobre o fetichismo, Freud (2006c) escreve que o homem no masculino instaura o objeto fetiche a fim de encobrir a castração na mulher, isto é, o fetiche torna-se um substituto para a falta do pênis. E isso tem origem na primeira infância, quando o menino, diante da diferença anatômica, depara-se com a ausência de pênis na menina (na mãe), recusando-se a tomar conhecimento do fato. Aceitar que a menina havia sido castrada é aceitar que a posse de seu próprio pênis está em perigo, pois no complexo de castração o menino teme perder o pênis por ter acreditado já ter acontecido à menina. Então o fetiche surge como o substituto desse pênis que outrora a mulher detinha.

Roudinesco e Plon (1998) corroboram com a proposição de Freud, ao afirmar o fetichismo “[...] como uma recusa da percepção da ausência do pênis na mulher com um reconhecimento da falta, levando à fabricação do fetiche como substituto do órgão faltante” (p. 237).

O que irá determinar se o desvio do alvo sexual para um objeto substituto é normal ou patológico são os casos em que existe um abandono por complexo do alvo sexual normal e ao objeto substituto é atribuído um valor exclusivo, ou seja, quando o fetiche (por **REVISTA PSIQUE, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 18-34, jan./jun. 2017**

exemplo, certas roupas) se desprende totalmente da pessoa a quem está relacionado e se transforma no único objeto sexual. A energia pulsional sexual é deslocada somente para esse único objeto, que passa a servir de alvo sexual exclusivo como uma condição para que a relação sexual aconteça (FREUD, 2006b).

A criação desse substituto é o que torna a mulher um objeto sexual possível, já que o homem cria uma verdadeira aversão ao órgão sexual normal da mulher quando nega a castração nesta. Substitui, assim, o alvo sexual normal (a vagina) por um objeto fetiche que tenha relação direta com a mulher, mas que é inadequado como alvo sexual, por exemplo, uma parte qualquer do seu corpo ou uma peça do seu vestuário. Há um desvio normal do alvo sexual em detrimento da supervalorização do objeto substituto (FREUD, 2006b).

Quinet (2001) conclui que a forma fetichista de amor do homem se caracteriza por esse revestimento fálico que o homem faz da mulher, ou seja, com o intuito de velar o horror da castração, o homem recusa a enxergar a mulher como castrada, envolvendo-a de falicidade. “Ele a faz falo para poder desejá-la e gozar dela, pois se não houvesse este artifício não haveria possibilidade de um homem abordar uma mulher” (p. 15).

Em virtude disso, Miller (2008) salienta que o amor é mais difícil para o homem na posição masculina, pois, a partir do enunciado de que o amor é um amor de falta que se completa com uma metade, reconhecer sua falta e doá-la ao amado é da ordem do feminino, melhor tratando, é mais fácil a este. Daí, diz-se que só se ama na posição feminina e que o amor feminiza. Muitas vezes, é condição intolerável para o homem. “É por isso que o amor é sempre um pouco cômico em um homem. Porém, se ele deixa intimidar pelo ridículo, é que, na realidade, não está seguro de sua virilidade”.

Um homem apaixonado, por vezes, tem rompantes de orgulho e acesso de agressividade para com seu objeto de amor, pois o amor o coloca na posição de incompletude e de dependência deste. É por isso que o homem é capaz de desejar as mulheres que não ama “[...] a fim de recontrar a posição viril que coloca em suspensão quando ama. Esse princípio Freud denominou a “degradação da vida amorosa” no homem: a cisão do amor e do desejo sexual [...]” (MILLER, 2008).

5 AS FORMAS EROTOMANÍACA E FETICHISTA DO AMOR NO ENCONTRO AMOROSO DE EROS E PSIQÜÊ

A partir desse ponto, podemos entender os contornos que delimitam o encontro amoroso da mulher e do homem por trás das posições subjetivas do feminino e do masculino na experiência amorosa dos personagens Eros e Psiquê, no conto de Apuleio. Miller (2008), em sua conceitualização psicanalítica a respeito das formas do amor, salienta a forma fetichista de amar do homem no masculino, como um traço particular ou um conjunto de traços presentes na mulher e que são determinantes para caracterizar sua forma fetichista de amar. “Isto escapa totalmente às neurociências, porque é próprio de cada um, tem a ver com sua história singular e íntima”. O personagem Eros, ao encontrar-se pela primeira vez com Psiquê na montanha, impressionou-se com sua distinta beleza, enamorando-se imediatamente pela jovem. Para Mourão (2001), Eros é a metáfora do Cupido, que, no intuito de flechar Psiquê, a mando de sua mãe, Vênus, para que esta se apaixonasse pelo mais infame dos homens, diante de Psiquê e sua ilustre beleza, é atingido por sua própria flecha, tornando-se esse homem.

Miller (2008) aponta que a causa do desejo de um homem por uma mulher “[...] são como fetiches cuja presença é indispensável para desencadear o processo amoroso”. No conto de Apuleio, a beleza de Psiquê é evidenciada como o traço de fetiche que despertou o desejo de Eros, uma vez que este foi capturado pela imagem de Psiquê. Sobre a forma erotomaníaca de amar da mulher no feminino, Zalcborg (2008) ressalta que a posição feminina, em função de sua natureza faltante, encontra no ser objeto causa do desejo do homem um equivalente para sua falta. Ir de encontro ao desejo do homem faz da mulher uma mulher amada, que ativa sua feminilidade na disposição em se fazer amar. Psiquê era a mais formosa das jovens, que, de tão bela e diante da atração que exercera em todos, sobretudo em Eros, era considerada como a reencarnação da deusa Vênus, o que a elevou à categoria de deusa, despertando a ira desta.

A respeito da demanda de amor infinita da mulher no feminino, como bem diz Freud, desse pedido que esta faz ao homem na relação amorosa, o que caracteriza a erotomania, Miller (2008) comenta que “[...] elas querem ser amadas, e o interesse, o amor que alguém lhes manifesta, ou que elas supõem no outro, é sempre uma condição sine qua non para desencadear seu amor, ou, pelo menos, seu consentimento”. A personagem Psiquê enamorou-se de Eros sem conhecer suas feições e, ainda que instigada por suas irmãs de que se tratava de um dragão, fez a promessa ao esposo, que a visitava somente à noite, de jamais ousar tentar descobrir sua identidade e aparência. Ainda que não tenha cumprido o juramento, Psiquê aceitou sua condição e foi capturada

não pela imagem de Eros, mas por uma voz incorpórea, encantou-se pelas suas palavras de amor, enfim, pelo amor de Eros por ela. O que evidencia que uma mulher é capaz de amar um homem ainda que na ausência física dele, desde que esse amor seja sustentado por dizeres, em cartas ou juras de amor eterno.

O poeta Carlos Drummond de Andrade colaborou de forma definitiva com este estudo em seu poema “Quero”, presente na obra “As Impurezas no Branco”, escrita pelo poeta em 1973, no qual retrata a necessidade da mulher de ouvir do homem por quem tem amor o quanto é amada:

Ouvindo-te dizer: eu te amo, creio, no momento, que sou amado / No momento anterior e no seguinte, como sabê-lo? / Quero que me repitas até a exaustão / que me amas que me amas que me amas. / Do contrário evapora-se a amação, pois ao não dizer: Eu te amo, desmentes, apagas / Teu amor por mim (ANDRADE, 1973, p. 44).

Em “O Mal-estar na Civilização”, Freud (2006d) ressalta que amar e ser amado é um dos caminhos do ser humano para alcançar a felicidade e que a perda do amor, tanto para o homem, quanto para a mulher, constitui-se na mais absoluta infelicidade e desamparo. No mito de Apuleio, quando Eros se sente traído por Psiquê, impõe-lhe o mais doloroso dos castigos: a deixa. A devastação de Psiquê com a perda de Eros, ademais das tentativas de suicídio, a faz adentrar em uma penosa trajetória para encontrá-lo e recuperar seu amor.

Tendo associado às teorias psicanalíticas acerca das formas do amor com a história de Eros e Psiquê, no tocante ao encontro amoroso, temos que a mulher no feminino se apresenta sob a forma erotomaniaca de amar e o homem no masculino sob a forma fetichista. Este último, por meio das palavras, exprime todo seu desejo pela mulher, que, por sua vez, necessita da afirmação de ser a mais amada e desejada pelo seu objeto de amor, a fim de encontrar uma consistência para o seu ser, uma verdade sobre o feminino. Para Miller (2008), “Ama-se aquele ou aquela que conserva a resposta, ou uma resposta, à nossa questão ‘Quem sou eu?’”. Dessa forma, ousamos afirmar que amar verdadeiramente alguém é acreditar que, ao amá-lo, alcançaremos uma verdade sobre nós mesmos. Interessante destacar o encontro erotomaniaco sustentado por Psiquê com Eros, aquele a quem ela amou sem nunca ter visto, e a condição fetichista de Eros, que amou Psiquê no instante em que a viu, sendo capturado pelo olhar. Assim, traduz-se a natureza desse encontro que este artigo buscou contemplar.

6 CONCLUSÃO

A proposta de elaborar um artigo sobre o amor e suas formas no feminino e no masculino é a reflexão da construção teórica acerca do tema iniciada pelos grandes pensadores nos tempos mais remotos.

Sobre o encontro amoroso, na história tornada mítica dos amantes Eros e Psiquê, vimos que o deus Eros foi capturado pela beleza deslumbrante da mortal Psiquê, enquanto que esta foi capturada pelo amor de Eros. A análise das teorias psicanalíticas a respeito das posições do feminino e do masculino no encontro amoroso demonstrou que essas não correspondem absolutamente com o referencial anatômico, mas com posições subjetivas ocupadas por homens e mulheres frente ao tipo de objeto amoroso futuro, intimamente ligado às identificações edípicas e ao exercício pulsional.

A ausência no próprio corpo de um símbolo que lhe responda o que é ser mulher e a falta fálica inerente ao feminino faz com que a mulher se apresente como a que não tem na relação amorosa, doando sua falta ao homem, pois este também é marcado por uma falta, saindo da posição de requisição de um falo para a de objeto causa de desejo de quem o tem. Ao se tornar o objeto causa do desejo de um homem, o que a mulher espera é ser amada. O amor do homem é o que define a forma erotomaníaca de amor da mulher no feminino.

Enquanto à mulher cabe ser desejada, ao homem cabe desejar, o que assegura a forma fetichista de amor do homem no masculino. Por não reconhecer a castração na mulher, pois isso lhe traria a angústia da possibilidade de sua própria castração, para poder desejá-la, o homem elege um objeto fetiche que tenha relação com a mulher, mas que é impróprio como alvo sexual.

As formas erotomaníaca de amor do feminino e fetichista do masculino mostram as diferentes formas de amor na mulher e no homem. A mulher no feminino se apresenta sob a forma erotomaníaca por não amar o homem, mas o amor dele destinado a ela. Enquanto que o homem no masculino se apresenta sob a forma fetichista por amar a mulher por quem foi capturado pelo traço de fetiche. A beleza desmedida de Psiquê foi o traço de fetiche que despertou o amor de Eros, enquanto que o amor declamado por este sob a forma de uma voz incorpórea despertou o amor de Psiquê.

A STUDY ABOUT LOVE IN PSYCHOANALYSIS: EROS AND PSYCHE, AND THE FORMS EROTOMANIA AND FETISHISM OF LOVE IN THE FEMININE AND IN THE MASCULINE

ABSTRACT:

This article was constituted by method of bibliographic research, with the goal to study, in light of Psychoanalytic Theory, the forms erotomaniac of love in female, and fetishism of love in male, articulated in the tale “Amor e Psiquê”, from philosopher Apuleio. Therefore, search a contextualization between the knowledges coming from philosophy and psychoanalysis. It presents paraphrase from the tale that reports the tryst, to stand out the story of the caracters Eros and Psyche. Then, it approaches the psychoanalytic concepts of the positions on the feminine and the masculine, characterizing erotomania and fetichism. Also analyzes the erotomaniac form of love in the feminine and the fetishist form of love in the masculine, interspersing with the love story of Eros and Psyche.

Keywords: Erotomania. Fetishism. Psychoanalysis.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **As impurezas do branco**. São Paulo: Companhia das Letras, 1973.

CASTELO, Regina. O Amor no Feminino. In: SIMPÓSIO AMOR E PSICANÁLISE, 1., 2013, Juiz de Fora. **Simpósio...** Juiz de Fora: CES/JF, 2013.

FRANZ, Marie-Louise. **O asno de ouro**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREUD, Sigmund. Feminilidade. In: _____. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XXII).

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: _____. **O ego e o id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XIX).

FREUD, Sigmund. Fetichismo. In: _____. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006c. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XIX).

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006d. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XXI).

MILLER, Jacques-Alain. Entrevista de Jacques Alain Miller. **Psychologies Magazine**, n. 278, out. 2008. Entrevista concedida a Hanna Waar. Disponível em: <<http://lacan.orgfree.com/entrevistas/milerentrevista.htm>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

MILLER, Jacques-Alain. **O osso de uma análise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MOURÃO, Cátia. **Amor e psique**: um vitral diagnóstico de Almada Negreiros. Lisboa: Assembleia da República, 2001.

POUZADOUX, Claude. **Contos e lendas da mitologia grega**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUINET, Antonio. As formas de amor na partilha dos sexos. **Metáfora**. Campo Grande, ano 1, n. 1, p. 11-20, 2001.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SARTORI, Ana Paula. **Erotomania**: amor e sexuação. 2009. 176f. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ZALCBERG, Malvine. **Amor paixão feminina**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.